

## DA GEOGRAFIA À LITERATURA: UM PERCURSO DE VIDA

## DE LA GEOGRAFÍA A LA LITERATURA: UN PERCURSO DE VIDA

## DE LA GÉOGRAPHIE À LA LITTÉRATURE: UN SENTIER DE VIE

*Liliana Laganá*<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo:** Neste texto, a autora discorre sobre os momentos fundamentais do caminho por ela percorrido da geografia à literatura, destacando sempre a importância por ela dada a um real e profundo contato entre as diversas áreas do saber, única forma possível de entender uma realidade cada vez mais complexa e diversificada. Apresenta a seguir um texto, intitulado “*Confiteor*: confissões de uma imigrante italiana à cidade de São Paulo”, construído como um exemplo do encontro possível entre geografia e literatura.

**Palavras-chave:** Geografia; literatura; imigração italiana; interdisciplinaridade.

**Résumé:** Dans ce texte, l’auteure trace les moments fondamentaux du chemin qu’elle a parcouru de la géographie à la littérature, en soulignant toujours l’importance qu’elle donne à un contact réel et profond entre les différentes disciplines, la seule forme possible pour comprendre une réalité chaque jour plus complexe et diversifiée. Elle nous présente, ensuite, un texte, intitulé “*Confiteor*: les confessions d’une immigrée italienne à la ville de São Paulo”, construit comme un exemple de la rencontre possible entre la géographie et la littérature, dans l’esprit proposé par ce Colloque.

**Mots-clé:** Géographie; littérature; immigration italienne; interdisciplinarité.

**Resumen:** En este texto, la autora nos habla de los momentos fundamentales del camino por ella recorrido desde la geografia hasta la literatura, destacando siempre la importancia por ella dada a un efectivo y profundo contacto entre las diversas ramas del saber, la única forma posible de entender una realidad cada día más compleja y diversificada. En seguida, nos presenta un texto, titulado “*Confiteor*: confesiones de una inmigrante italiana a la ciudad de São Paulo”, construído como un ejemplo del encuentro posible entre geografia y literatura.

**Palabras clave:** Geografia; literatura; inmigración italiana; interdisciplinaridad.

---

<sup>1</sup> Professora doutora aposentada junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

“Existe a paisagem *sensível ou visível*, constituída por aquilo que se pode abarcar com o olhar, ou, se se quiser, perceptível com todos os sentidos, uma paisagem que pode ser reproduzida por uma fotografia, pelo quadro de um autor, ou pela descrição de um escritor.”

Renato Biasutti - *Il paesaggio terrestre*

Em dezembro de 2012, a geógrafa Olivia Nesci, docente de Geografia Física da Universidade de Urbino, e a fotógrafa e artista plástica Rosetta Borchia, numa cerimônia especial na cidade de Pesaro (Itália), apresentaram um atlas intitulado "*Codice P: Atlante Illustrato del reale paesaggio della Gioconda*", contendo os resultados de quatro anos de estudos intensos pelos quais as duas, que se autodefinem "caçadoras de paisagens", provaram que a paisagem que se vê atrás da Gioconda, no famoso retrato feito por Leonardo, não é da Toscana, como até então se acreditara, mas do Montefeltro, a área onde se localiza a cidade de Urbino, na região Marche, na vertente adriática da Itália Central.

Urbino é a terra de Raffaello, e sua paisagem também aparece eternizada nos retratos de suas Madonas, substituindo os fundos dourados, típicos das representações da Idade Média. No Renascimento, os olhos dos homens, antes voltados para o céu, se voltam para a terra e descobrem a paisagem e sua perspectiva, as Madonas adquirem carnalidade, e se ainda não desfrutam das paisagens, como ocorrerá nas pinturas posteriores, elas, as paisagens, aparecem às suas costas, concretas, reais. Tão reais que podem ser objeto de estudo científico, como é o caso, acima citado, das duas "caçadoras" daquelas *paisagens sensíveis ou visíveis* de que fala Biasutti.

Não me ocorreu exemplo mais significativo e emblemático do que este para introduzir minha fala neste Simpósio, que leva o sugestivo título de *Geografia, Literatura e Arte*, organizado pelo professor Júlio César Suzuki, a quem quero agradecer o convite a participar desta mesa, e ao mesmo tempo parabenizar pela iniciativa de um encontro que tem o objetivo explícito de discorrer sobre as conexões e as relações entre estas três formas de conhecer e interpretar a realidade.

Uma temática de suma importância nos dias de hoje, em que cada vez mais se fala da interdisciplinaridade, ou da necessidade de derrubar os limites entre os diversos ramos do saber, uma divisão herdada da visão positivista de finais do século XIX, com disciplinas funcionando como feudos, limitadas em seus domínios por verdadeiros muros medievais, defendidos com unhas e dentes contra a possível "contaminação" por

outras disciplinas: uma afirmação que pode parecer estranha hoje, mas que era a palavra de ordem alguns anos atrás.

Minha contribuição a este debate não consiste em esmiuçar as vantagens desta nova visão do mundo, em que o contato entre os diversos saberes desponta como única forma de dar conta de uma realidade cada vez mais complexa e diversificada, mas consiste apenas – a pedido explícito do professor Júlio César – em trazer meu depoimento, como pessoa que realizou um percurso de vida da geografia à literatura.

Sou geógrafa por formação, licenciada, mestre e doutora por esta casa, onde fui docente por 25 anos. Uma atividade, a de geógrafa, à qual me dediquei levada por pura paixão e, não ha pecado em confessá-lo, por verdadeiro fanatismo, pelo menos durante bom tempo desses 25 anos.

A paixão pela Geografia surgiu no Colégio Dante Alighieri, onde fui aluna do professor Pasquale Petrone, em meados dos anos `50. Eu acabara de chegar da Itália, onde completara o curso ginásial com um *curriculum* forte em italiano, grego e latim, e com a convicção de que me tornaria professora de latim, minha matéria preferida.

Mas logo me senti fascinada pelas aulas de geografia que, mais que qualquer outra disciplina, me introduziam ao conhecimento do país, fazendo desfilar diante de meus olhos paisagens inéditas, que eram como páginas de um misterioso e admirável mundo novo, frente às quais as páginas de César, de Cícero e de Virgílio esmaeciam, perdendo interesse para mim.

Ingressei no Departamento de Geografia em 1959, ano em que o curso passou a funcionar na Cidade Universitária, então um descampado às margens do Rio Pinheiros. E devo dizer que durante os quatro anos de estudos universitários minha paixão pela geografia só fez aumentar, chegando, como disse antes, ao fanatismo de acreditar que esta disciplina ocupava uma espécie de topo na divisão do saber, capaz de fornecer todas as chaves para se conhecer o mundo. Uma postura defendida com ardor, à qual aderíamos sem nos dar conta da presunção que continha, somada a uma espécie de fobia por outras disciplinas, tais como sociologia, antropologia ou história.

Apenas a título de exemplo, lembro o medo que tomou conta de mim quando, ainda aluna da graduação, assisti a uma defesa de doutorado em geografia, e ouvi um dos examinadores tecer críticas severas ao candidato, alegando ter ele invadido “seara alheia”, pois seu estudo seria mais sociológico que geográfico. Como faria, lembro ter pensado então, a não me deixar “contaminar”, e manter a pureza do estudo geográfico?

Um “medo” que superei quando, anos depois, ao realizar minha pesquisa sobre “bairros rurais”, me dei conta da importância das análises realizadas, sobre o mesmo tema, por sociólogos e antropólogos: em outras palavras, quando entendi a indissolubilidade, para o entendimento dessas comunidades rurais, entre o conceito geográfico de “território”, o sociológico de “pertencer a” e o antropológico de “identidade”, sem esquecer, evidentemente, o processo histórico.

Mas a verdadeira guinada, em minha forma de pensar a geografia, se deu com a tradução – do original italiano - do livro de Tonino Bettanini, *Espaço e ciências humanas*, publicado em 1982 pela Editora Paz e Terra, a mesma editora em que, em 1979, havia sido publicado, também traduzido por mim, o livro *Marxismo e Geografia*, de Massimo Quaini.

Eu havia trazido esses dois livros da Itália, em minha primeira viagem ao meu país natal, em 1977, escondendo-os - especialmente o de Quaini, de título suspeito - entre revistas de mulheres nuas, então proibidas no Brasil, com a esperança de que os agentes da alfândega se contentassem em retirar da mala estas últimas, deixando-me o livro, devidamente encapado.

Vale lembrar que ainda vivíamos os anos da ditadura, que nos haviam mantido afastados de uma literatura de esquerda, principalmente dos debates geográficos suscitados pelas teorias de Marx. O livro de Quaini, propondo uma análise da geografia à luz do materialismo histórico, representou uma verdadeira descoberta na maneira de ver e interpretar o mundo, rompendo com o arcabouço teórico-metodológico até então vigente, herança, como disse antes, da visão positivista.

Mas influência maior teve, para mim, o livro de Bettanini, onde encontrei a superação da ideia de que o espaço só interessa à geografia, mas que há outras visões, que, longe de prejudicar o “ver” geográfico, podem ampliá-lo, enchê-lo de significados outros que não os puramente visíveis nas paisagens. Bettanini fala do espaço dos geógrafos, mas também do espaço da antropologia, da sociologia, da psicologia, e de outras ciências que surgiam nas interfaces das ciências tradicionais.

Havia mais: o livro de Bettanini, trazendo os estudos mais recentes das correntes geográficas, levava a outra visão que não a puramente econômica, e era a análise sob a perspectiva da afetividade na relação do homem com o espaço, de sua percepção, que ia além, sem ignorá-la, da análise do *Homo Aeconomicus*, uma visão que recuperava – ou tentava recuperar - o homem em sua inteireza, o homem que habita, que produz, que

consome, mas que pensa também, e que também sente, que tem sentimentos em relação ao espaço por ele vivido.

Entusiasmada com esses novos enfoques – aos quais se somou a leitura dos textos de Mircea Eliade, *O sagrado e o profano* e *O eterno retorno*, - comecei a introduzi-los em meu curso de pós-graduação sobre Bairros Rurais, onde foi possível aprofundar a perspectiva da relação afetiva com o espaço pelos aportes de alunos de outras áreas que, sob forma de seminários, apresentavam suas pesquisas de Mestrado ou Doutorado. Entre todos, lembro em particular um estudo realizado por uma estudante de psicologia, que, no estudo geográfico dos bairros rurais, encontrou um subsídio importante para a análise psicológica ligada ao “desterro”, ou à “desterritorialização”, pesquisa por ela realizada na periferia de uma cidade do interior de São Paulo, onde se haviam concentrado os trabalhadores rurais expulsos do campo e transformados naquilo que se convencionou chamar de “boias-frias”.

Mas a tradução dos dois livros citados (e em seguida de um terceiro, também de Quaini, intitulado *A construção da geografia humana*) teve outras consequências para mim: de fato, o contato com minha língua materna (seja no retorno à Itália, seja no exercício da tradução) despertou de novo em mim o interesse pelos estudos linguísticos e literários. E assim, em 1982, mediante um exame interno, me inscrevi no Curso de Italiano do Departamento de Letras Modernas desta Faculdade.

Logo no primeiro dia de aula, a professora Loredana Caprara, que estranhou sobremaneira minha presença entre os alunos do primeiro ano, pediu que eu escrevesse um pequeno artigo, contando os motivos que me levavam de volta ao estudo do italiano. Um artigo de que ela mesma sugeriu o título - *Ritorno alle origini* – e que seria publicado no *Settimana del Fanfulla*, um jornal em língua italiana de São Paulo, que reservava um pequeno espaço para os estudantes de italiano.

Foi o primeiro de uma série de artigos - ou pequenos contos - em que, através das minhas lembranças infantis, narrava a vida numa pequena aldeia da vertente adriática dos Apeninos Italianos, durante a Segunda Guerra Mundial. Começava assim minha aventura nessa nova paixão que era o “contar”, através do qual repercorria na memória as paisagens da alma, aquelas primeiras paisagens vivenciadas ao abrir os olhos sobre o mundo, nas quais infância e lugar formam um todo indissolúvel. E aqui quero dizer - permitam-me fazê-lo - que as paisagens da minha infância (da Província de Pesaro-Urbino) eram basicamente as mesmas das Madonas de Raffaello e da Gioconda de Leonardo, as mesmas dos “*canti*” do poeta Giacomo Leopardi.

Nesses contos podia me abandonar ao prazer de escrever, sem preocupação com as explicações, embora – disso tenho consciência hoje - neles estivesse implícito tudo aquilo que eu havia entesourado dos conhecimentos geográficos, desde as descrições de paisagens supostamente objetivas aos aspectos mais “emotivos” propostos pela geografia da percepção (significativa a esse propósito foi a observação de um colega desta Faculdade, professor de antropologia, ao afirmar - quando mais tarde reuni esses contos num livro - que saltava aos olhos ter sido ele escrito por uma geógrafa!).

Devo dizer também que, antes de me entregar totalmente à literatura, me dediquei a escrever alguns textos, que talvez possam ser classificados como de geografia da percepção. Dentre eles quero destacar um texto sobre o Bairro Rural dos Pires, que eu havia estudado para o Mestrado, apresentando uma dissertação feita nos moldes da geografia positivista mais tradicional, que então praticávamos.

Nesse texto, intitulado *Espaço sagrado e núcleos coloniais: o caso do bairro dos Pires* (apresentado no VI Congresso Brasileiro da Imigração e Integração, realizado na Bienal de São Paulo em julho de 1987), percorri mentalmente as entrevistas realizadas a seu tempo naquele bairro (fundado por imigrantes alemães de meados do século XIX), às quais se somaram as impressões colhidas em visitas posteriores com meus alunos de Pós-graduação: na nova perspectiva, prestava atenção àqueles aspectos que diziam respeito às relações afetivas dos habitantes com o bairro - vivenciado como espaço sagrado, como centro do mundo, ou pátria refundada -, aspectos que no passado, preocupada com a objetividade da geografia, eu não havia levado em consideração.

A esse texto seguiram-se outros – alguns publicados outros inéditos - que apresentei em encontros de geografia de que participei, mesmo depois de aposentada, fato que ocorreu em 1987, pois continuava mantendo contato com o Departamento de Geografia, orientando alunos para Mestrado e Doutorado.

Em todos esses textos, a temática era sempre a visão do imigrante e sua relação com o novo espaço. Nesse sentido, particularmente fértil foi para mim entrar em contato com a colônia de Pedrinhas, onde pude me reencontrar nas falas daqueles imigrantes que haviam chegado ao Brasil praticamente na mesma data em que eu chegara, trazendo uma mesma história de dor, dilacerações e perdas.

Em 1989, me inscrevi no curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da USP, retomando, agora em outro nível e com tempo pleno, os estudos que havia interrompido em 1984, por motivos de saúde.

Durante o curso, para obtenção dos créditos necessários, me transformei eu também numa espécie de “caçadora de paisagens”, pois em todos os trabalhos me dediquei a buscar e a analisar, nas obras dos autores estudados – poesia ou prosa que fosse - aqueles aspectos geográficos que transpareciam nas descrições das paisagens por eles realizadas, nas quais, evidentemente, se refletiam as diversas visões de mundo, de acordo com os momentos - ou movimentos – literários, tais como romantismo, naturalismo (ou *verismo*), neo-realismo, etc.

São textos que permaneceram inéditos, mas foram eles que me permitiram, mais tarde, organizar um Curso intitulado “Geografia e Literatura”, que ministrei na Universidade Estadual de Londrina e na UNESP, campus de Rio Claro, no final dos anos 90.

Em 1994 concluí o Mestrado com a tradução comentada de um romance (*Erica e seus irmãos*, de Elio Vittorini), que foi posteriormente publicado pela Editora Berlendis e Vertecchia, abrindo-me caminho para o ofício de tradutora literária, que me ocupou durante alguns anos.

Em 2002 publiquei, pela Casa Amarela, *A última fábula*, em que reuni e ampliei, traduzindo-os para o português, aqueles primeiros contos publicados no *Fanfulla*, livro que, em 2003, de novo vertido para o italiano, foi publicado pela Prefeitura de Fratterosa, a aldeia da infância que o havia inspirado. Em 2006, com minha grande alegria, o livro foi indicado para o PNBE- Programa Nacional de Bibliotecas da Escola, do Ministério da Educação, e em 2012 foi novamente publicado na Itália, desta vez nos *Quaderni del Consiglio Regionale delle Marche*.

Em 2005, pela mesma Editora Casa Amarela, publiquei *Terra Amada*, em que, a partir de um primeiro conto intitulado *L'altra nonna*, (que ganhou o prêmio instituído pela *Università di Genova*, por ocasião dos 500 anos do descobrimento da América, em 1992) reúno, contadas por eles mesmos, as histórias de vida dos componentes da minha família paterna, narrando suas experiências como emigrantes que, de uma pequena aldeia da Calábria, partiram para o Brasil, para o Uruguai e para a Austrália.

E é nessa mesma linha - nessa temática do imigrante, que vivencio como o grãozinho de areia de que fala Rubem Alves em seu *Ostra feliz não faz pérola* - que continuo a exercer minha atividade literária, como no texto a seguir, que escrevi para este Simpósio, e que intitulei “*Confiteor: confissões de uma imigrante italiana à cidade de São Paulo*”, no qual retomo um tema já abordado em uma crônica anterior, intitulada *Aquarela Paulistana*, uma das cinquenta crônicas classificadas (e posteriormente

publicadas no livro *Crônicas - São Paulo 450 anos*) no concurso instituído pela Biblioteca Pública Municipal Mario de Andrade, para comemorar, naquele ano, o aniversário da cidade.

Naquela crônica, eu expressava minha relação conflituosa com a cidade de São Paulo, desde a rejeição inicial, quando aqui cheguei, em 1955, ao amor incondicional, com que eu mesma me surpreendi, anos depois, ao descobrir que este, e não outro, era o meu lugar.

Desta vez, é sob a forma de confissão que resolvi expressar meus sentimentos, falando diretamente à cidade de São Paulo, de forma intimista, como se fala ao ouvido de alguém a quem muito queremos. E se a confissão permite expressar sem rodeios nem reticências os sentimentos de quem se confessa, é verdade que ela permite também apontar, e arrolar, as qualidades e os defeitos da pessoa ou coisa (neste caso a cidade) por quem aqueles sentimentos são despertados.

E, ao fazer isso, pude me dar conta de quão verdadeiras são aquelas palavras, lidas ou ouvidas em algum lugar de que não lembro, de que muitas vezes é necessário que a realidade seja inventada para ser contada, ou, dito de outra forma, que só através da ficção é possível dizer certas verdades.

\*\*\*

### **CONFITEOR: CONFISSÕES DE UMA IMIGRANTE ITALIANA À CIDADE DE SÃO PAULO**

Confesso que, antes dos quinze anos, eu não sabia que você existia. Sabia da existência de um país chamado Brasil, localizado em algum lugar distante, um país onde vivia um tio, irmão de meu pai, que nos enviava pacotes de café - nosso único luxo na vida dura vivida na periferia pobre de uma Roma recém-saída da guerra -, mas não sabia que você existia.

Confesso que odiei você com todo o ódio que se pode sentir, quando soube da sua existência, pois o soube da pior maneira possível, quando meu pai anunciou que iríamos deixar a Itália para ir morar numa cidade chamada São Paulo, que ficava lá longe, nesse país de nome Brasil, distante quinze dias de navio do lugar em que eu morava, e que amava de visceral amor.

Confesso que comecei a ficar curiosa a seu respeito quando, todas as noites, depois do jantar, meu pai mantinha a família reunida em volta da mesa, e começava a

ler um livro, intitulado *Lo Stato di San Paolo*, que o Consulado Brasileiro de Roma lhe havia dado, como dava a todos os emigrantes, para que conhecessem um pouco o país para onde iriam partir. Todas as noites, daquelas páginas começava a emergir você, cidade moderna de arranha-céus e fábricas, erguida num altiplano de terra roxa e verdes cafezais, sem invernos nem verões escaldantes, você, cidade do trabalho, que parecia vir ao nosso encontro, chamando-nos com seu canto de sereia, repetindo a palavra mágica: trabalho, trabalho, trabalho. “Uma eterna primavera! Nunca mais invernos, nem guerras, nem desemprego...”, dizia meu pai enlevado, e eu por uns momentos esquecia minha dor, e ficava feliz por ele. Mas depois, sozinha em minha cama, chorava meu destino, e odiava você com toda a minha alma, porque era você, com suas fábricas e suas eternas primaveras, que me arrancava do lugar em que eu queria viver até o fim dos meus dias. Chorava, mas na noite seguinte você emergia de novo daquelas páginas, com seus arranha-céus, seus cafezais e seu canto de sereia. E assim, entre cantos e choros, chegou o dia da nossa partida.

Confesso que durante a viagem pouco pensei em você, pois me entreguei à travessia do oceano como a uma grande aventura, e como se pudesse ser uma ventura eterna, que se interrompeu abruptamente, quando o navio atracou no porto de Santos.

Era outubro, e nuvens baixas e carrancudas derramavam uma luz cinzenta sobre a sombria paisagem que ia passando pela janela do ônibus, quando saímos do porto e iniciamos a viagem que nos levaria até você. Sombria a vegetação que encobria a planície encharcada, um emaranhado de árvores e arbustos e raízes, que não se sabia se afundavam ou saíam de uma água escura, anfíbia planície onde se viam, aqui e acolá, raras casas sobre palafitas, parecendo uma paisagem de começo de mundo, que me fazia sentir ainda mais dolorosamente longínqua a paisagem costumeira da *Campagna Romana*, de dourados campos de trigo e verdes pastagens, entre ruínas antigas.

Sombria também a encosta, que surgiu improvisa como muralha a defender você, senhora altaneira do planalto, tão escuro e carregado o verde manto da mata que a encobria, tão denso que projetava uma sombra espessa no solo, onde uma infinidade de plantas crescia sobre o chão encharcado e sobre rochas verdes de musgo, que gotejavam como se a água nascesse delas.

Era com o coração pequeno, confesso, que eu olhava aquela paisagem, enquanto o ônibus ziguezagueava galgando penosamente a subida. E continuei a olhar, mesmo quando a espessa neblina me impediu de ver, roubando-me a paisagem do alto da serra, e devolvendo-as depois, já outra, já no alto do planalto, que era o seu lugar. E com que

curiosidade, confesso, olhava eu agora pela janela, à espera dos cafezais e dos arranha-céus, que imaginava surgirem improvisos, para maravilha dos meus olhos. Mas, ao invés dos arranha-céus e dos cafezais, só se viam morros com capões de mato e uma e outra casa, aqui e acolá, e foi quando, o confesso, comecei a duvidar que você existisse, e a pensar que você era uma cidade inventada apenas para atrair os imigrantes, e fazê-los sofrer a nostalgia dos lugares que haviam abandonado, encantados pelo seu canto de sereia.

Mas você existia sim, e confesso que foi com olhos de desconfiança e estranhamento, e com total rejeição, que olhei para você, quando finalmente ficamos cara a cara. Estranhei o ar soturno com que você se vestia de cinza, porque eram cinzentos todos os seus prédios, amontoados um ao lado dos outros sem ordem aparente, num duvidoso gosto estético, ou total ausência dele, como se você não se importasse com isso, como se você não fosse vaidosa, e se orgulhasse, ao contrário, de ser masculina, na ostentação dos seus símbolos, fálcos arranha-céus e chaminés, que tornavam mais aguda a saudade que eu sentia da maternal Roma, na redondeza de suas cúpulas, no aconchegante ocre de suas praças, na doce cantilena de suas fontes.

Confesso que estranhei tremendamente a correria que se via nas suas ruas e praças e viadutos, de homens e mulheres indo de um lugar para outro, de cima para baixo, pra cá e pra lá, todo mundo apressado para chegar ao trabalho, ou para sair dele, todos em marcha serrada, sem parar e sem nada olhar ao redor. Afinal, pensava eu, que haveria para olhar e admirar, nessa cidade feia e cinzenta, que só oferece trabalho? Pois era para isso que você existia, para o trabalho, deixando para as outras cidades (que talvez você nem conhecesse, e se conhecesse desprezava) a função de oferecer divertimentos e lazer, na fruição de suas belezas naturais ou das belezas criadas pelos homens através das artes. Não, sua arquitetura devia ser necessariamente séria, e austera, e cinzenta e feia, para não distrair os homens das suas tarefas diárias, da dureza do trabalho.

Confesso que não conseguia entender o orgulho que todos sentiam de que você era a cidade que mais crescia no mundo, não entendia a euforia com que diziam que a cada hora se construíam não sei quantos novos prédios, ou casas, ou fábricas. Nem podia entender aquelas placas, distribuídas amplamente pelas suas ruas e praças, e afixadas nos bondes e nos ônibus, proclamando, para que ninguém o esquecesse: “*São Paulo não pode parar*”. Não pode parar por quê? me perguntava eu. Que destino era o seu, não poder parar? Mas parecia que a felicidade só seria alcançada no dia em que

você ultrapassasse, em tamanho, o Rio de Janeiro, e depois Buenos Aires, e não sei quantas outras cidades no mundo, e se tornasse uma das maiores, ou até, quem sabe, a maior de todas. Para quê? me perguntava eu então, e nos olhos de todos via que o “para quê?” não importava, importava que você crescesse, e todo o resto viria como uma consequência direta do crescimento, como se crescimento e progresso fossem a mesma coisa. Todos, ingenuamente (?), acreditavam que, crescendo, o progresso seria automaticamente para todos, e que as coisas encontrariam uma sua própria solução, sem ser necessário planejar. Ou não havia tempo para planejar porque você crescia depressa demais, sob o aplauso de todos. Por isso deixaram que você crescesse tão desordenadamente, espalhando-se ao deus dará, estendendo seus braços para todo canto ao seu redor, obedecendo tão somente às leis do mercado, aos interesses mais perversos e imediatos do lucro imobiliário.

Você não tinha, como Buenos Aires (e Borges o notou bem), a extensão infinita do pampa, que lhe permitiu alongar até o horizonte, e mais além, suas ruas vertiginosamente retas, e recortando-se umas às outras na precisão geométrica do quadriculado traçado urbano, que, fartamente compensado pela horizontalidade, dispensava a busca enlouquecidas das alturas, das linhas verticais. Era outra sua natureza. Era acanhada a colina em que você nasceu, e para crescer precisou descer e subir encostas de vales, transpor ribeirões, construir pontes e viadutos, e, com suas ruas tortas, galgar morros e contornar declives. E compensou a penúria de horizontes carregando nas linhas verticais, que desde logo você elegeu como sua marca, na vertiginosa altura dos seus edifícios, que disputavam o céu com as chaminés de suas fábricas. E modelou e transformou o chão que lhe servia de sítio, usurpando o espaço de seus rios e córregos, retificando uns para lhes ocupar as margens, aprisionando outros em tubulações e escondendo-os debaixo de ruas e avenidas, por onde, no lugar das águas que já foram vivas, correm hoje carros, ônibus e caminhões, salvo, é claro, no tempo das chuvas, quando as águas tomam de volta o que é seu, porque esta é a sua natureza.

Confesso que achava ridículo o fato de todos se orgulharem de você já ter quatrocentos anos. Quatrocentos anos, imaginem! Você os havia completado um ano antes de eu chegar, e estavam vivos na memória de todos os festejos que haviam comemorado aquele aniversário. Todos falavam da festa no Vale do Anhangabaú, e do Parque do Ibirapuera, construído especialmente para essa ocasião, e sei lá que mais coisas contavam, os olhos brilhantes de orgulho. E eu, ouvindo-os, pensava (mas não

dizia, pois só agora o confesso) que achava ridículos aqueles festejos para uma cidade de apenas quatrocentos anos. Eu vinha de uma cidade em que os anos se contavam por milênios, de um país em que o espaço guardava registrados séculos e séculos de história, por isso ouvia com certa íntima altivez e desprezo essas entusiásticas referências à sua idade, senhora quatrocentona, mas nada dizia.

Confesso que houve um tempo em que pensei que você não era a cidade de ninguém, como se ninguém tivesse nascido do seu chão, e todos tivessem vindo de fora, de outros lugares que amavam, onde haviam deixado seus corações e seus pensamentos e onde voltariam um dia, e você não era a casa deles, mas apenas o lugar do trabalho, apenas uma estação em suas vidas, uma estação necessária, mas sempre uma estação, um lugar de passagem, um não lugar, onde viviam à espera de um trem para voltar para casa. Era por isso, então, pensava eu, que ninguém a amava como você era, pois ninguém lamentava a cidade que todo dia deixava de ser, e todos amavam a cidade que viria a ser, a cidade que todos, diariamente, através do trabalho, construíam ou reconstruíam, e modificavam, alterando constantemente os perfis de suas praças e ruas e pontes e viadutos, construindo arranha-céus sobre os destroços de casas e sobrados e prédios, já velhos, já ultrapassados, já considerados empecilhos, num afã incompreensível de apagar a memória, com medo talvez de que, se a memória ficasse fixada no chão, seguraria você pelo pé, impedindo-a de realizar o salto em direção ao futuro.

Confesso que não sei quando comecei a me desarmar frente a você, e senti-la minha, e a pensar que você também, quem sabe, já não me sentia como estranha, ou quando entendi que, afinal, você nunca tinha me considerado uma estranha, porque você era assim, a cidade onde havia espaço para todos (e se não houvesse espaço seria criado), e onde todos, afinal, reconstruindo em seu seio o simulacro dos lugares de onde provinham, acabavam por se sentir em casa.

Talvez tenha começado lá atrás, logo que chegamos, quando meu pai, levado por um contagiante desejo de conhecer você, me levava para todo lado, para que eu também a conhecesse, intuindo, quem sabe, que através do conhecimento eu começasse a amar o lugar onde eu iria viver pelo resto da minha vida, porque conhecer seja quiçá a melhor maneira de amar. E eu me deixava levar pelo entusiasmo dele, quando - a pé, de bonde, de ônibus ou de trem - íamos aos poucos aprendendo o desenho de suas ruas e praças e edifícios e viadutos: entrávamos em você e você entrava em nós, e as novas imagens,

sem que eu o percebesse, cobriam pouco a pouco, com um manto de esquecimento, as paisagens costumeiras da minha vida anterior.

Talvez tenha sido naquele domingo em que passeávamos de bondinho aberto, meu pai e eu. Ah, os bondinhos abertos! Como os estranhara, no começo! Inimagináveis no país de onde provínhamos, eram estranhos e engraçados, devo dizer, principalmente quando chegavam lotados, com homens em pé nos estribos, segurando-se não sei como, enquanto o cobrador fazia exercício de verdadeiro equilíbri­smo, vendendo as passagens e ao mesmo tempo atento aos que tentavam descer sem pagar. Mas eram uma verdadeira delícia aos domingos, aqueles bondinhos, pois vinham quase vazios e, enquanto sacolejavam por cima dos trilhos, era possível usufruir da paisagem que passava, e do vento que chegava até nós, cheiroso de capim, mitigando o calor da manhã esplendorosa, quando atravessavam uma daquelas áreas ainda não ocupadas, que existiam abundantes entre um lugar habitado e outro, à espera da valorização imobiliária.

Talvez tenha sido no dia em que vi você do alto do seu arranha-céu mais alto, o edifício do então Banespa. De lá, inebriada pelo delírio da altura, ao ver você inteira, ainda à medida de homem, ainda não transformada na metrópole que veio a ser, senti como se a possuísse um pouco, retendo-a no olhar como na palma da mão. Eu sei, naquele momento, a imagem de Roma cobriu você por uns instantes, evocada pela lembrança do dia em que me despedira dela, olhando-a do alto de uma de suas colinas. E não podia imaginar que, passados tantos anos, eu estaria agora evocando aquela sua primeira imagem vista do alto, a imagem da cidade que perdi não porque eu partisse, mas porque você partia, você, cidade metamórfica, que desde então todo dia partiu um pouco.

Talvez tenha sido no dia em que a vi encoberta pelo diáfano véu da garoa. Que você era “a cidade da garoa” eu o aprendera desde logo, desde os primeiros dias em que cheguei. E todos se esforçavam para me explicar esse fenômeno meteorológico tão tipicamente seu, nem neblina nem chuva, um pouco de uma e de outra, mas outra coisa, garoa. E eu fiquei curiosa, confesso, e curiosa esperava a garoa, que demorava a se mostrar. Mas finalmente, uma noite em que refrescara, de repente percebi pequenas gotículas volteando pelo ar, espaçadas no começo, espessando-se depois, mas continuando leves seus volteios, e foi lindo ver aos poucos a rua, a calçada, as folhas das árvores, os jardins, os telhados das casas, todas as coisas úmidas e luzidias debaixo da luz dos lampiões, e como projetadas numa outra dimensão, em que os contornos

esfumados por aquele líquido véu pareciam esvaecer numa atmosfera de sonho, quase irreal. E tive de admitir que, de repente, debaixo da garoa, você ficara linda, porque esse era o tempo que mais lhe ficava bem, porque somava cinza ao cinza dos seus prédios, e a encobria de mistério, revelando a cidade feminina que você também era, com um seu particular e inesperado encanto.

Ou, quem sabe, talvez tenha sido no dia em que vi aquele trem que chegava do Norte: estávamos numa de suas estações, meu pai e eu, voltando de uma das nossas viagens exploratórias, quando vimos um trem chegar, e decidimos parar para ver, pois um trem chegando a uma estação é sempre um espetáculo de se ver, parece trazer consigo a distância de onde vem. O fato é que ficamos ali, no alto da passarela, curiosos. E, quando o trem finalmente parou e abriu suas portas, vimos descer milhares de miseráveis, gente esfarrapada, de cabelos desgrenhados, descalça ou segurando restos de chinelos nos pés de solas endurecidas, carregando nas costas miseráveis sacos, homens, mulheres e crianças, crianças aos montes, mulheres barrigudas carregando crianças no colo, e outras agarradas às suas saias, crianças maltrapilhas e de rostinhos sujos, de olhos arregalados e assustados. Desciam e desciam, não paravam de descer do trem, como se naqueles vagões estivesse espremida toda a miséria do mundo. De onde vem esse trem? perguntou meu pai. Do Norte, responderam. Do Norte? Onde fica o Norte? É também Brasil? Do Brasil, e de você, sabíamos somente as noções dadas por aquele livro lido na Itália antes de partir, que só falava de progresso e riqueza. E agora aquele trem revelava-nos, da maneira mais crua, despejando-a na nossa frente, a miséria que não sabíamos existir neste país. Talvez, naquele momento, tenha voltado à minha memória o trem de refugiados de guerra em que eu viajara garotinha, talvez eu tivesse me reconhecido nos olhos assustados de uma daquelas meninas, o fato é que, naquele momento, eu entendi seu papel de lugar acolhedor – de cidade-guardida – dos refugiados de todas as procedências, das guerras e da miséria, daqueles que chegavam de trem, e daqueles que, como nós, haviam chegado de navio.

É agora que você cresceu, cumprindo à risca sua promessa - ou obedecendo cegamente a vontades não suas -, agora que vive sufocada pelo seu próprio crescimento, com os engarrafamentos diários que entopem suas artérias e veias; com as inundações que a afogam nos verões e a poluição que lhe tira o ar nos invernos; com a eterna falta de domicílios, que continua a fazer surgir em todo canto edifícios e casas e barracos (sem falar das pontes e dos viadutos, moradias nem sempre provisórias); com a assombrosa quantidade de lixo produzida diariamente, sem ter mais lugar onde despejar

seus dejetos; com a violência, a insegurança e o medo que rondam suas ruas, fazendo surgir muralhas medievais no interior da cidade moderna; com as abissais distâncias entre as classes sociais, que sua paisagem escancara, tornando-as cruamente explícitas nas vertiginosas torres de vidro que espelham os miseráveis barracos das favelas, ostentando sem pudor a riqueza e expondo também sem pudor a miséria; agora que vivemos o futuro tão almejado, me pergunto ainda se teria sido possível você crescer de outro modo. Crescer respeitando a natureza do chão que lhe serviu de sítio, deixando fluir naturalmente as águas dos seus córregos e rios, sem a pretensão de dominá-los nem a ofensa de transformá-los em esgoto, crescer conservando a cobertura natural das numerosas nascentes e das vertentes mais íngremes, crescer obedecendo a planos urbanísticos com uma visão harmônica, continuada e duradoura, e não ditada pelos interesses aleatórios de quem está de turno no poder.

Teria sido possível, sim, acredito, se seu crescimento tivesse sido sob a égide do interesse de toda a sociedade, e não do interesse de poucos, da avidez de quem busca ganhos fáceis, dilapidando tanto o patrimônio natural quanto o humano. Teria sido possível, em última análise, se você não tivesse trazido para o urbano – como outras cidades brasileiras o fizeram - o secular modelo rural da casa-grande e senzala.

Hoje, olhando do meu terraço esta parte de você que me é dado ver, e que faz parte da minha vida, confesso que sinto saudade da cidade que você era quando a conheci, como se eu tivesse nascido do seu chão, aos dezesseis anos de idade. Saudade da cidade que tanto rejeitei e que tento reter agora na minha memória e na minha retina, e que reencontro apenas nas fotografias e nos postais antigos, que olho como se, garota de saltos altos e saia rodada, eu pudesse passear ainda por suas ruas e praças e viadutos, cujo encanto, agora eu vejo, era fugitivo, como a própria vida.

## **PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES**

- 1- *O bairro rural dos Pires (Estudo de Geografia Agrária)* – Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.C.L. da USP, em 1967 – IG – Série Teses e Monografias No .5 – USP – São Paulo, 1971, 90 p.
- 2- *Bairros Rurais do Município de Limeira – Estudo Geográfico* – Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.L.C.H da USP, em 1972 (Mimeo), 251 p.
- 3- *Marxismo e geografia* (tradução do original *Marxismo e geografia*, de Massimo Quaini). Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979, 155 p.
- 4- *Espaço e ciências humanas* (tradução do original *Spazio e Scienze umane*, de Tonino Bettanini). Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982, 161 p.

- 5- *A construção da Geografia Humana* (tradução do original *La costruzione della geografia umana*, de Massimo Quaini). Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983, 158 p.
- 6- *O sagrado e o profano na percepção do espaço – Geografia* – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, Vol. 4 – 1987, p. 3-12.
- 7- *O planeta cultural: Para uma antropologia histórica* (Tradução do original *Il pianeta culturale: Per una antropologia storicamente fondata*, de Gilberto Mazzoleni, Edusp, Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, Instituti Cultural Ítalo-brasileiro, São Paulo, 1992, 231 p (em colaboração com Hylio Laganá Fernandes).
- 8- *Ponto de mira; Influência de Vico nas teorias estéticas de hoje; Poeta do esquecimento;* (Tradução dos originais de Giuseppe Ungaretti) in *Giuseppe Ungaretti, razões de uma poesia e outros ensaios* (org. Lucia Wataghin). Edusp – Imaginário, São Paulo, 1994, p. 27-48; 91-113; 141-172.
- 9- *L'altra nonna* (conto) – *Insieme* – Revista da APIESP (Associação de professores de Italiano do Estado de São Paulo), n. 3, São Paulo, 1992. p. 106-113.
- 10- *Da Felicidade natural ao mundo ofendido: Erica e seus irmãos na narrativa de Elio Vittorini* – Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas (Curso de Italiano) da F.F.L.C.H. da USP, em 1994 (Mimeo), p. 146.
- 11- *Il paese della terra rossa* (conto) – *Insieme* – Revista da APIESP (Associação dos Professores de Italiano do Estado de São Paulo), n. 4-5, São Paulo, 1994, p. 34-37.
- 12- *La Consolata* (tradução do conto *L'altra nonna*) – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – n. 37 – IEB, São Paulo, 1994, p. 249-256.
- 13- *Tempo di camiciolina* (tradução do original *Tempos de camisolinha*, de Mario de Andrade) Letterature d'America, Anno XIV, n. 56, Bulzoni Editore, Roma, 1994, p.161-174 (em colaboração com Loredana Caprara).
- 14- *Terra Vermelha* (tradução do conto *Il paese della terra rossa*) – *Travessia* (Revista do migrante), n. 26, 1996, p. 5-6.
- 15- *Imagem e memória no espaço do retorno: viagem à Sicília com Elio Vittorini*. Modernidade e Globalização (Org. Adyr B.Rodrigues). Hucitec, 1997, p. 155-160.
- 16- *Como bola de neve* (conto). *Travessia* (Revista do migrante), n. 32, 1998, p. 5-10 (também disponível na versão italiana, com o título *Palla di neve*, no site do Museu da Pessoa).
- 17- *“Brutto e cattivo”, o professor de geografia* (Depoimento a *Os 70 anos do professor Petrone*). Boletim Paulista de Geografia, n. 75, São Paulo 1998, p. 15-19.
- 18- *Erica e seus irmãos* (Tradução do original *Erica e i suoi Fratelli*, de Elio Vittorini). Letras Italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2001, 110 p.
- 19- *Erica: história de um romance interrompido* (Apresentação a *Erica e seus irmãos*, de Elio Vittorini) Letras Italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2001, p. 8-17.

- 20- *Argo e seu dono* (Tradução do original *Argo e il suo padrone*, de Italo Svevo). Letras italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2001, 191 p.
- 21- *A dupla noite da tília* (Tradução do original *La doppia notte dei tigli*, de Carlo Levi), Letras Italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2001, 139 p.
- 22- *Deixe-me ir, mãe* (Tradução do original *Lasciami andare, madre*, de Helga Schneider). Outras letras, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2001, 136 p.
- 23- *O rio de pedra* (Tradução do original *Il fiume di pietra*, de Giuseppe Bonaviri). Letras Italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2002, 202 p.
- 24- *Paisagem e padecimento* (artigo), INFORME (Informativo da F.F.L.C.H. da USP). Nova Série número 31, São Paulo, julho de 2002.
- 25- *A imigração vivida* (artigo), INFORME (Informativo da F.F.L.C.H. da USP) Nova Série número 32, São Paulo, agosto de 2002.
- 26- *A última fábula* (narrativa), Casa Amarela, São Paulo, 2002, 174 p.
- 27- *A lua e as fogueiras* (Tradução do original *La luna e i falò*, de Cesare Pavese) Letras Italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2003, 182 p.
- 28- *L'ultima favola* (versão italiana de *A última fábula*), Comune de Fratterosa (Itália), 2003, 117 p.
- 29- *Sob todos os trilhos da terra* (crônica), Caros Amigos, AnoVII, número 82, Janeiro de 2004, p. 20.
- 30- *Aquarela paulistana* (crônica), selecionada entre as 50 melhores no Concurso “Primeiro Prêmio Biblioteca Mário de Andrade de Literatura”, in *Crônicas – São Paulo 450 anos*, Secretaria Municipal de Cultura, BMA, 2004.
- 31- *Pai Patrão* (Tradução do original *Padre Padrone*, de Gavino Ledda) Letras Italianas, Berlendis e Vertecchia, São Paulo, 2004, 319 p.
- 32- *Terra Amada* (narrativa), Casa Amarela, São Paulo, 2005, 202 p.
- 33- *L'ultima favola* (narrativa), versão revista, Quaderni del Consiglio Regionale delle Marche, Ancona (Itália), 2006.
- 34- *Estrelas do sul* (narrativa), no prelo, Casa Amarela.

Recebido em 05/09/2017.

Aceito em 15/11/2017.

Publicado em 02/01/2018.